

Editorial

A REVISTA CRÍTICA CULTURAL, em seu v.8 n.1, opta por não separar os artigos em seções, o que se quer é a miscelânea. E, nisso, se reconhece o borramento das bordas, a indeterminação dos limites que foram convencionados ao fatiar as manifestações culturais em literárias, cinematográficas, teatrais, musicais e assim por diante.

A miscelânea aqui, nesse volume, é a que propõe a percepção do espaço fértil que se encontra nas aproximações e cruzamentos. É nas zonas borradas que somos capazes de, hoje, fazer brotar as novidades, os insólitos, os ainda não vistos e ditos. Por outro lado, a CRÍTICA CULTURAL não aceita o 'nado de superfície' que algumas indeterminações são capazes de, empobrecidamente, considerar. Ou seja, mantém-se, na miscelânea, o rigor de análise e a exigência teórica na construção dos artigos que, ora, se expõe à leitura.

Em "Arte e sociedade burguesa na teoria do texto teatral de Peter Szondi", Pedro Rocha de Oliveira traz a preocupação de Peter Szondi no entrelaçamento do texto teatral ao contexto social da escritura; desde a feitura do texto, nas escolhas do trágico e do dramático, o escritor reflete sobre o que chama de "sociologia da literatura", não sem apontar os conflitos que emergem da relação entre escrita e sociedade.

Estruturado sobre os apontamentos teóricos de Vygotsk e do Círculo de Bakhtin, o artigo "Discurso na vida e discurso na arte de atuar: contribuições de Vygotski e do círculo de Bakhtin para a análise da prática teatral" afirma a formação estética do sujeito social no fazer teatral. As autoras Grazielle Zonta, Andréia Zanella e Kátia Maheirie compreendem a estética como "variedade social", tal qual o fizeram Bakhtin e Voloshinov, tornando indissolúvel a relação entre arte e sociedade. Neste sentido, a arte-teatral aparece como fio que enleia autor-ator-espectador, mediando a formação estético-social destes sujeitos.

Flávio Pereira Camargo, no artigo "Releituras, paródia e intertextualidade em *Braz, Quincas & Cia* (2002), de Antonio Fernando Borges", toma os procedimentos do escritor Antonio Fernandez Borges, lendo Machado de Assis, para retomar o debate sobre a paródia e a intertextualidade como ferramental da literatura em sua potencialidade de autoreflexão, tanto para o autor quanto para o leitor. Ao salientar os procedimentos, o autor afirma a metaficção como ênfase na literatura brasileira atual que, reconhecendo a historiografia, renova a herança literária, retomando, por exemplo, Machado de Assis e sua plêiade de personagens.

Como assinalado no título, a alegria provocada pelo humor é o fio que conduz o artigo "A alegria em *Tutameia: terceiras estórias* de Guimarães Rosa". Nele, Giselle Bueno acompanha Guimarães Rosa por Tutaméia e suas histórias, não deixando de assinalar, no entanto, as reincidências da 'alegria' no restante da prosa do autor. Atentando para o trabalho com a linguagem, que em Guimarães é arte, no artigo são enfatizadas características dos personagens que, sob a forma de substantivos-adjetivos, marcam a alegria em uma infinda cadeia semântica: "plenos de energia", "animaizinhos buliçosos".

O debate sobre a metaficção e Machado de Assis volta em "Os prefácios dos romances iniciais e o método de composição de Machado de Assis", mas

diferentemente, neste artigo, Machado fala de suas escolhas de escrita em outros textos, nas Advertências; ele estende linhas de um texto ao outro, armando seu próprio mapa. Cilene Pereira por sua vez, no artigo, rearticula as linhas expondo as manobras utilizadas pelo autor para dialogar com seus leitores, à moda dos prefácios que conduzem a leitura, mas também como reflexões críticas de sua própria literatura.

Apresentando uma crítica à espetacularização da cultura, no artigo "Let the Madness... Begin': a dialética entre a razão e a sanidade no culto à personalidade do cantor Ozzy Osbourne", Flávio Pereira Senra mostra que a construção da 'celebridade', na pós-modernidade, apoia-se numa ampla gama de fatores que não só as habilidades musicais, no caso de Ozzy Osbourne. Mais do que distinção, a notoriedade, para o autor, viria da relação entre afastamento e proximidade estabelecida pela exposição, midiática, da vida do músico e cantor. O homem comum e o excêntrico, o excesso potencialmente desejável, dão forma a dialética da identificação do público e, conseqüentemente, do sucesso, da celebração.

Wanderlan da Silva Alves traz à crítica um autor recém-chegado à literatura, Reni Adriano. No artigo "Um Lugar difuso e violento, não muito longe daqui: o primeiro romance de Reni Adriano", a reflexão se dá sobre o romance de estreia do autor, quando "lugar" transforma-se, narrativamente, em tempo: gerações de uma mesma família. O artigo ressalta que a palavra sobra e, por vezes, falta no romance, mas é sempre linguagem que narra a condição humana, nos personagens.

Rafaela Scardino, no artigo "Palco movediço: questões para o teatro de Machado de Assis", toma o teatro de Machado de Assis para afimar, no período inicial de produção ficcional, sua visão sobre a necessidade de se "copiar a civilização existente" nos palcos, num procedimento que acompanhasse a modernização em curso. No entanto, para Rafaela Scardino, Machado de Assis "desordena o realismo", criando distanciamentos entre palco e plateia por meio, por exemplo, da ironia. Neste sentido, a modernidade de Machado de Assis não é cópia, antes crítica.

Partindo do presente cultural, na perspectiva da prevalência das imagens, Marcos Fabris, em "Pintura, fotografia e a crítica de arte na pós-modernidade", revisa conceitos como "industrialização da cultura" e noções de "distinção de classe" no usufruto cultural, apoiando-se nas produções artísticas desde o século XIX. A crítica, neste artigo, dessacraliza o sublime na arte e afirma as "imagens-simulacros" que expõe a forma sem conteúdo, na pós-modernidade.

Fechando o número da Revista, no artigo "Utilitarismo em *Ariel*", de José Enrique Rodó", Maurício Silva apresenta o romance *Ariel*, publicado em 1900, no Uruguai, realçando a aversão do autor à influência dos Estados Unidos na formação da juventude latino-americana. Para tanto, o artigo se pauta na crítica ao utilitarismo da cultura, da ética, da política norte-americana, presente na obra do escritor uruguaio. O utilitarismo norte-americano estaria, segundo o crítico, em oposição ao que José Enrique Rodó predizia como valor fundamental à juventude – "contemplación ideal".

Desejamos proveitosas e prazerosas leituras a todos.

Os Editores

Editors' note

This issue of CRITICA CULTURAL adopts a heterogenous organization. By doing so, we acknowledge the blurring of borders and the indeterminacy of limits that were created to separate literary, film, theatre, musical manifestations.

The heterogeneity that characterizes this issue paves the ground for prolific approaches. Zones of indeterminacy are spaces where new, unexpected, unseen things may arise. On the other hand, CRÍTICA CULTURAL does not subscribe to the impoverishment that some instances of indeterminacy may create. Heterogeneity does not mean doing away with rigor of analysis and theoretical depth in the writing of the articles.

In "Arte e sociedade burguesa na teoria do texto teatral de Peter Szondi", Pedro Rocha de Oliveira discusses Peter Szondi's interweaving of drama and social context; Oliveira analyzes the writing of the text, involving the choices between tragic and dramatic, and points out the conflicts that emerge from the relationship between writing and society.

The article "Discurso na vida e discurso na arte de atuar: contribuições de Vygotski e do círculo de Bakhtin para a análise da prática teatral" focuses on the works of Vygotski and Bakhtin and affirms the aesthetic formation of subjects in the theater practice. Authors Grazielle Zonta, Andréia Zanella and Kátia Maheirie understand aesthetics as a "social variety", implying that the connection between art and society is indissoluble. Thus, theater is presented as the thread that entwines author/actor/spectator and mediates the aesthetic-social formation of subjects.

Flávio Pereira Camargo in "Releituras, paródia e intertextualidade em Braz, Quincas & Cia (2002), de Antonio Fernando Borges", takes on Antonio Fernandes Borges' approach towards Machado de Assis in order to discuss parody and intertextuality as tools used by literary works in their self-reflexive potential. By highlighting such procedures, the author identifies metafiction as a focal point in recent Brazilian literature. Contemporary works acknowledge historiography and renew our literary heritage, including Machado de Assis and his characters.

As the title suggests, joy caused by humor is the theme in "A alegria em Tutameia: terceiras estórias de Guimarães Rosa". Here, Giselle Bueno emphasizes humor in Tutaméia, but also points out its incidence in other works by Rosa. Paying close attention to Rosa's work with language, which resides in the very core of his art, the article analyzes the description of characters and the use of adjective-nouns as the traces of joy in an infinite semantic chain: "full of energy", "passionate little animals".

The debate around metafiction and Machado de Assis is also present in "Os prefácios dos romances iniciais e o método de composição de Machado de Assis". Machado's artistic choices are annotated and explained in his work *Advertências*. In her article, Cilene Pereira considers Machado's maneuvers when constructing a dialogue with his readers, expressed in prefaces that lead interpretations but also as critical reflections about literature.

In “‘Let the Madness...Begin’: a dialética entre a razão e a sanidade no culto à personalidade do cantor Ozzy Osbourne”, Flávio Pereira Senra shows that the construction of celebrities in postmodernity is grounded in more than musical abilities, in the case of Ozzy Osbourne. Notoriety derives from the relationship between proximity and distance created by the exposure of Osbourne’s life in the media. The dialects between the ordinary and eccentric man and the potentially desirable excess give shape to the audience’s identification with the British singer and to the success of celebration.

Wanderlan da Silva Alves writes about a beginner author, Reni Adriano. In the article “Um Lugar difuso e violento, não muito longe daqui: o primeiro romance de Reni Adriano”, Alves discussed Adriano’s first novel, where “place” is transformed, in the narrative, into time: generations of a family. The article pinpoints the fact that words may lack or exceed, but language insists on narrating the human condition.

Rafaela Scardino, in “Palco movediço: questões para o teatro de Machado de Assis”, follows Machado’s first theater works and his attempts at “copying existing civilizations” on stage and, thus, introducing a sense of modernity. However, for Scardino, Machado de Assis “disarranges realism”, introducing a distance between audience and stage by using irony, for example. Assis’ modernity is, therefore, critical and not copy.

The concepts of “industrialization of culture” and “class distinction” are revised in Marcos Fabris’ “Pintura, fotografia e a crítica de arte na pós-modernidade”, which focuses on the pervasiveness of the image in present times. Art criticism, the article argues, de-sacralizes the sublime and affirms “simulacra” that expounds the contentless forms in postmodernity.

The last article in this issue, “Utilitarismo em Ariel, de José Enrique Rodó”, reviews the novel Ariel as an expression of aversion to the influence of the United States in the formation of Latin American youth. The author, Maurício Silva, criticizes the utilitarianism of U.S. culture, ethics and politics that is present in Rodó’s novel. According to Silva, utilitarianism opposes what the Uruguayan writer considered to be the fundamental value for young people - “ideal contemplation”.

We wish you all a pleasant and productive reading.

The editors